



XVI Encontro Regional de Agroecologia do NORDESTE

**NORDESTE**

Na rota do Velho Chico: A Agroecologia e os Movimentos Sociais na luta contra as opressões no Campo e na Academia.

28 de Abril a 01 de Maio - CECA/ UFAL - Rio Largo - AL

## Sistematização das experiências agroecológicas e agroindustriais nos assentamentos rurais da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco

Claudemir Martins Cosme<sup>1\*</sup>  
Edla da Silva Marciano<sup>2</sup>  
Izabela Mota Monteiro<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Prof. Geografia do IFAL. Av. Sergipe S/N, Vila Cascavel, bairro Xingó, CEP. 57.460-000, Piranhas-AL. Instituto Federal de Alagoas/Câmpus Piranhas. E-mail: claudemirmartins@yahoo.com.br\*.

<sup>2</sup>Estudante do Curso Técnico Integrado em Agroecologia. Av. Sergipe S/N, Vila Cascavel, bairro Xingó, CEP. 57.460-000, Piranhas-AL. Instituto Federal de Alagoas/Câmpus Piranhas. E-mail: edla-silva@outlook.com.

<sup>3</sup>Estudante do Curso Técnico Integrado em Agroindústria. Av. Sergipe S/N, Vila Cascavel, bairro Xingó, CEP. 57.460-000, Piranhas-AL. Instituto Federal de Alagoas/Câmpus Piranhas. E-mail: izabela.mota731@gmail.com.

### Resumo-Abstract

**RESUMO** – O presente trabalho tem por objetivo apresentar as principais experiências agroecológicas e agroindustriais desenvolvidas pelo campesinato assentado nos assentamentos rurais da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco. Trata-se de uma pesquisa em andamento, desenvolvida no âmbito do Programa de Iniciação Científica (Pibic) no Instituto Federal de Alagoas, Câmpus Piranhas. Metodologicamente está amparada em pesquisa bibliográfica, busca por reportagens na internet, visita a órgãos e empresas prestadoras de Assistência Técnica e Extensão Rural as famílias assentadas, diálogo com os movimentos e organizações sociais do campo, visitas de campo aos assentamentos rurais e entrevistas com roteiros semiestruturados com os/as assentados (as). Resultados parciais apontam: a) a presença maior das experiências agroecológicas em detrimento das experiências agroindustriais; b) a necessidade de sistematização e visibilização dessas experiências e c) a importância da agroecologia e da agroindústria para a sustentabilidade dos assentamentos rurais.

*Palavras-chave:* Agroecologia, agroindústria, assentamento rural, sertão alagoano.

**ABSTRACT** – The present article aims to present the main agroecological experiences developed by agro-industrial peasantry seated in the rural settlements of Northeast region of “Northeastern backwoods” from São Francisco Alagoas. This is an ongoing research, developed within the framework of the Scientific Initiation Program (Pibic) at the Federal Institute of Alagoas, Campus Piranhas. The methodology is based on literature research, search for news articles on the internet, visit the agencies and companies providing technical assistance and rural extension for the families rural settlement, dialogue with social movements and organizations in the field, also visiting rural settlements and interviews with semi-structured scripts with the rural families settlement. Partial results point: the more experience) to the detriment of agro-industrial experiences agroecological; (b)) the need for systematization and evaluation of these experiences and c) the importance of Agroecology and agroindustry to the sustainability of rural settlements.

*Keywords:* Agroecology, agribusiness, rural settlement, Northeastern backwoods from Alagoas.

### Introdução

O conhecimento da realidade do espaço agrário do sertão alagoano é primordial, dentre outros

processos, tanto para que o Instituto Federal de Alagoas, Campus Piranhas, cumpra seu papel enquanto Instituição de ensino, pesquisa e extensão, como para dar visibilidade as

experiências do campesinato assentado, consequentemente, mostrando a importância da sua produção, as dificuldades e os desafios na construção sustentável e autônoma dos assentamentos rurais.

Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo apresentar as principais experiências agroecológicas e agroindustriais desenvolvidas pelo campesinato assentado e espacializadas nos assentamentos rurais federais da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco. Trata-se de uma pesquisa em andamento, desenvolvida no âmbito do Programa de Iniciação Científica (Pibic) no referido Instituto, intitulada: “Mapeamento e sistematização das principais experiências agroecológicas e agroindustriais desenvolvidas nos assentamentos rurais da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco, aprovada no Edital Nº 03 PRPI/IFAL, de 06 de maio de 2016.

Nessa microrregião, composta pelos municípios de Delmiro Gouveia, Olho D’água do Casado e Piranhas, estão espacializados 15 (8,4%) dos 178 assentamentos rurais e 761 (5,8%) das 13.077 famílias assentadas sob a responsabilidade da Superintendência Regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária de Alagoas<sup>(3)</sup>.

Metodologicamente a pesquisa está amparada na revisão bibliográfica de temas como agroecologia, agroindústria, campesinato, assentado, assentamentos rurais, reforma agrária e sertão alagoano; busca por reportagens na internet sobre experiências agroecológicas e agroindustriais nos assentamentos rurais da Microrregião objeto do estudo; diálogo com as lideranças dos movimentos e organizações sociais do campo, principalmente, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); visitas de campo aos assentamentos rurais que, nas pesquisas preliminares, foi constatada alguma experiência e entrevistas com os/as assentados (as) a partir de roteiros semiestruturados.

### ***Experimental***

#### ***Os primeiros passos da pesquisa: levantamento bibliográfica e a buscas na internet***

Inicialmente, foram destinados alguns momentos para leitura, fichamento e debate do material bibliográfico selecionado: os encontros semanais na forma de grupo de estudos. A partir dessa etapa passamos a ter clareza conceitual sobre o que seriam conceitualmente as experiências agroindustriais e agroecológicas a serem escolhidas para sistematização e mapeamento. Compreendemos que na atividade agroindustrial são “[...] organizados processos visando à transformação e à conservação dos produtos agrícolas para sua posterior utilização e consumo”.<sup>(4)</sup> Não obstante, partimos do entendimento também, que a atividade agroindustrial não se resume a aplicação de técnicas e uso da tecnologia no processo transformador aludido, mas que devemos analisá-la de vários ângulos, entre eles “[...] os aspectos socioeconômicos e as relações de poder estabelecidas com seu entorno e com o conjunto da cadeia produtiva” (CHRISTOFFOLI, 2012, p. 74)<sup>(4)</sup>. Já a agroecologia é vista aqui como uma:

“[...] reação aos modelos agrícolas depredadores, se configura através de um novo campo de saberes práticos para uma agricultura mais sustentável, orientada ao bem comum e ao equilíbrio ecológico do planeta, e como uma ferramenta para a autosubsistência e a segurança alimentar das comunidades rurais (LEFF, 2002, p. 37).<sup>(2)</sup>

A partir dessa base teórico-conceitual, a busca na internet por reportagens, seja de jornais, seja notícias/informes dos movimentos e organizações sociais que atuam no espaço *lócus* da pesquisa, foi primordial para uma primeira aproximação com as experiências agroecológicas e agroindústrias existentes nos assentamentos rurais.

#### ***Os momentos de campo: diálogos e troca de saberes e experiências***

Com poucas, mas valiosas informações sobre algumas experiências encontradas na internet,

passamos as visitas de campo as organizações e instituições ligadas ao espaço agrário alagoano e/ou ao campesinato assentado, que pudessem nos dar pistas acerca das experiências agroecológicas e agroindustriais desenvolvidas pelas famílias assentadas.

Um primeiro momento foi no Escritório Local do Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (EMATER) do município de Piranhas. Momento de diálogo importante com o extensionista responsável. Não obstante, devido a EMATER centrar suas ações nos assentamentos estaduais e não nos federais, não obtivemos maiores informações sobre as referidas experiências.

**Figura 1. Escritório Local da EMATER - Piranhas**



Fonte: autores. Trabalho de campo, fev., 2017.

Um segundo momento, foi a visita ao Escritório do Centro de Capacitação Zumbi dos Palmares, localizado no Assentamento Maria Bonita no município de Delmiro Gouveia. Empresa responsável pela Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) as famílias assentadas no Estado de Alagoas. Por estar diretamente ligada a realidade dos assentamentos rurais alagoanos obtivemos importantes indicações de experiências agroecológicas existentes. Dicas essenciais fornecidas pela extensionista responsável pelo Centro Zumbi que nortearam nossos passos futuros na investigação. A partir desse momento traçamos um planejamento mais direcionado e que possibilitou chegarmos aos resultados parciais que apresentaremos a seguir.

**Figura 2. Encontro no Centro de Capacitação Zumbi dos Palmares – Assentamento Maria Bonita - Delmiro Gouveia**



Fonte: autores. Trabalho de campo, fev., 2017.

Outro momento foi a visita ao Assentamento Gastone Beltrão, no município de Olho D'água do Casado, onde na oportunidade dialogamos com uma liderança do MST e algumas famílias assentadas acerca da nossa investigação. Novos elementos e o aprofundamento daqueles repassados nas outras visitas.

A partir desses diversos diálogos e informações, fizemos nossa primeira visita de campo ao Assentamento Lameirão, município de Delmiro Gouveia, ainda como parte de nossa aproximação e reconhecimento das experiências. Ou seja, como forma de perceber se as atividades agropecuárias desenvolvidas estavam dentro do escopo conceitual no qual conceituamos o que seria as experiências agroecológicas e agroindustriais.

Nesse momento, conhecemos uma experiência agropastoril coletiva irrigada, uma criação coletiva de peixes em gaiolas, um quintal produtivo e a uma produção de mudas. Todas essas experiências continham o que podemos dizer de uma semente da agroecologia, exceto a atividade da piscicultura. Essa, mesmo sendo importante para a geração de emprego e renda para às famílias assentadas, é desenvolvida com forte uso de ração química. Assim, descartamos essa experiência da nossa linha de pesquisa por destoar daquilo que entendemos por atividade agroecológica.

**Figura 3. Projeto coletivo agropastoril irrigado – Assentamento Lameirão – Delmiro Gouveia**



Fonte: autores. Trabalho de campo, fev., 2017

**Figura 4. Produção de mudas em lote individual -Assentamento Lameirão – Delmiro Gouveia**



Fonte: autores. Trabalho de campo, fev., 2017.

Destacamos, por fim, a parceria frutífera entre essa pesquisa PIBIC e o Programa de Extensão Minha Comunidade<sup>2</sup>, que oportunizou a nossa ida a outros assentamentos rurais e o (re)conhecimento de outras experiências, a exemplo do Projeto Arajabu – “Apicultura na Reforma Agrária”, que envolve jovens de diversos assentamentos; a Agroindústria da Reforma Agrária, localizada no Assentamento Maria Bonita, no município de Delmiro Gouveia. Trata-se da primeira

<sup>2</sup> Programa Institucional de Extensão do IFAL, que foi coordenado pelos Profs. Claudemir Martins e Laís Góis, no Campus Piranhas, entre abr./2016 a jan/2017, e tinha como foco os assentamentos rurais do sertão alagoano.

Agroindústria em áreas de assentamentos no estado de Alagoas, inaugurada recentemente; além das experiências de quintal produtivo e produção de hortaliças individuais no Assentamento Patativa do Assaré, no município de Olho D’água do Casado.

**Figura 5. Mística dos jovens do Projeto Arajuba Assentamento Maria Bonita – Delmiro Gouveia**



Fonte: autores. Trabalho de campo, fev., 2017.

### **Resultados e Discussão**

Quando iniciamos a busca na internet por reportagens, acerca das experiências agroindustriais e agroecológica nos assentamentos rurais da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco, devido à baixa quantidade de informações encontradas, nos perguntamos: será que temos essas experiências nos assentamentos?

Destarte, ao adentrarmos na realidade dos camponeses e camponesas assentadas, percebemos que a mesma é bem mais complexa e diversa, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelas famílias assentadas face a “contrarreforma agrária brasileira” (COSME, 2015)<sup>(1)</sup>, materializada em condições bastante adversas e hostis as famílias assentadas, a exemplo da falta de água para irrigar e, muitas vezes, até para o consumo humano. Se falta água o que dizer de outras condições essenciais a produção agropecuária e a vida rural. A dúvida inicial que pairava cedeu lugar à busca prazerosa de apreender essa complexa realidade. E

mais, apareceu a certeza da necessidade de sistematizar, mapear, conseqüentemente, dar visibilidade aos saberes, práticas, conhecimentos, produção realizada pelo campesinato assentado no sertão alagoano.

A cada descoberta, a cada diálogo entre pesquisadores e camponeses(as) assentados(as), fomos percebendo as dificuldades, os desafios e as conquistas nos assentamentos rurais, principalmente, por meio das práticas agroecológicas. A terra/território um dia pertencente ao latifúndio/latifundiário, agora transformado em assentamento pela luta do MST e dividida entre o campesinato assentado: duas lógicas antagônicas de relação com a natureza. Como bem escreveu Leff (2002, p. 37):

Na terra onde se desterrou a natureza e a cultura; neste território colonizado pelo mercado e pela tecnologia, a Agroecologia rememora os tempos em que o solo era suporte da vida e dos sentidos da existência, onde a terra era torrão e o cultivo era cultura; onde cada parcela tinha a singularidade que não só lhe outorgava uma localização geográfica e suas condições geofísicas e ecológicas, senão onde se assentavam identidades, onde os saberes se convertiam em habilidades e práticas para lavrar a terra e colher seus frutos<sup>2</sup>.

Já com relação as agroindústrias, Christoffoli (2012) afirma que tem sido comum que a sua localização seja no espaço urbano dos municípios. Mas enaltece, que mesmo diante dos limites e contradições na implantação de agroindústrias rurais, já se reconhecem que estas são estratégias importantes para o desenvolvimento rural, na perspectiva da inclusão social, contribuindo para: a) elevação da renda familiar no meio rural; b) diversificação e fomento das economias locais; c) adequação da produção à estrutura fundiária existente (pequenas propriedades rurais diversificadas como fornecedoras da matéria-

prima, visto que a estratégia de agregação de valor nas pequenas agroindústrias é obtida por meio da diferenciação, e não do volume); d) valorização e preservação dos hábitos culturais locais; e) descentralização das fontes de renda (por causa do aumento no número e da maior diversidade de agroindústrias no território); f) estímulo à proximidade social (organização comunitária, venda em feiras livres ou redução de intermediários); g) ocupação e geração de renda no meio rural; h) redução do êxodo rural; i) estímulo ao cooperativismo e associativismo; j) valorização das especificidades locais; k) preservação do meio ambiente e dos recursos naturais; e l) mudança nas relações de gênero e poder.

Foi com essa perspectiva, que após meses de trabalho investigativo, buscando a aproximação com a realidade das famílias camponesas assentadas, conseguimos chegar as principais experiências agroecológicas e agroindustriais desenvolvidas nos assentamentos rurais federais da Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco, a saber:

#### **Experiências agroecológicas:**

- Projeto Arajuba: “Apicultura na Reforma Agrária”;
- Quintal Produtivo;
- Produção de hortaliças;
- Produção de mudas individual e coletiva;
- Projeto coletivo agropastoril irrigado;

#### **Experiências agroindustriais:**

- Agroindústria da Reforma Agrária;
- Beneficiamento de frutas na produção de doces;

Como já mencionamos, a pesquisa está em andamento e com previsão de conclusão em agosto/2017. Portanto, nesse momento estamos visitando as experiências supracitadas e realizando entrevistas com os sujeitos. Mas, já temos elementos importantes sistematizados acerca do Projeto Arajuba: “Apicultura na reforma agrária”.

Trata-se de uma experiência, que na verdade possui elementos da agroecologia, bem como, da agroindústria: indo desde a produção de mel ao

envasamento, rotulagem e comercialização do produto.

Há dois anos sendo implementado o projeto, inicialmente foi pensado para trabalhar com as mulheres e os jovens que tivessem interesse em desenvolver a atividade apícola, logo esses últimos tomaram a frente do projeto e passaram a conduzir os processos. O projeto é apoiado pela ONG Inter-Americana (IAF) e foi inserido inicialmente nos assentamentos: Genivaldo Moura, Maria Bonita, Maria Cristina, Nelson Mandela, Gastone Beltrão e Frei Damião, todos no sertão de Alagoas. Posteriormente, essas barreiras foram quebradas, sendo levado também para Zona da Mata.

As atividades são coletivamente pensadas e divididas entre jovens. Para tanto é necessária toda uma organização e divisão de tarefas, assim os participantes se reúnem a cada 15 dias, onde juntos ao mobilizador discutem as dificuldades e as ações futuras do projeto. Este momento é aproveitado também para refletir a luta do MST, assim como a necessidade de participação dos jovens nela.

Apesar das dificuldades, a exemplo da seca dos últimos anos, o projeto trás muitos benefícios ambientais e sociais as comunidades. Uma vez que esses jovens terão uma renda em seu assentamento, será diminuído o êxodo rural. Além disso, existe toda uma conscientização dos assentados em torno do papel ecológico da apicultura, que gera a necessidade de preservação do ambiente em que vive.

### **Conclusões**

As atividades agroecológicas e agroindustriais são importantes para a sustentabilidade dos assentamentos rurais do sertão alagoano. Não obstante, vale ressaltar, que as experiências agroecológicas são bem mais praticadas em detrimento das agroindustriais. Com base no diálogo com os assentados e o MST, se constatou que a dificuldade no tocante ao acesso a recursos financeiros, que venham a financiar a implantação de projetos agroindustriais, e a burocratização para a instalação de unidades agroindustriais, se apresentam como gargalos limitadores para a disseminação de agroindústrias nos assentamentos. Por fim, há uma necessidade de (re)conhecimento

e sistematização, consequentemente, visibilização das diversas experiências desenvolvidas pelo campesinato assentado. Esse (re)conhecimento, através da sistematização dessas experiências agroindustriais e agroecológicas, talvez seja a grande contribuição desse trabalho que ora apresentamos, tanto para a sociedade, como para o IFAL e as próprias comunidades, pois, como bem escreveu Leff (2002, p. 45), com base em Toledo (1989): “as experiências, uma vez sistematizadas, oferecem princípios e técnicas capazes de ser generalizados”.

### **Agradecimentos**

A Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI/IFAL).

Ao campesinato assentado e ao MST;

Ao Prof. do IFAL Josenildo Farias Neto pela tradução do resumo.

A EMATER, a Empresa Zumbi dos Palmares e ao INCRA.

### **Referências**

1. C. M., Cosme. **A expulsão de camponeses assentados como uma das faces da contrarreforma agrária no Brasil: um estudo da evasão nos assentamentos rurais do Ceará.** 292p. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFPB, João Pessoa, 2015.
2. E. Leff. **Agroecologia e Saber ambiental. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável.** Porto Alegre, v. 3, n. 1, 2002. Disponível em <[http://taquari.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano3\\_n1/revista\\_agroecologia\\_ano3\\_num1\\_parte08\\_artigo.pdf](http://taquari.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano3_n1/revista_agroecologia_ano3_num1_parte08_artigo.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2017.
3. Incra. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Projetos de Reforma Agrária conforme fases de implementação: período de criação do projeto: 01/01/1970 até 06/03/2017.** Maceió, 2017. CD-ROM.
4. P. I. Christoffoli. Agroindústria. In. R. S. Caldart et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo.** São Paulo: Expressão Popular, 2017, pp. 74-81.